



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22, 23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

POMENTO

APOIO



## O ENSINO DO JORNALISMO DIANTE DA CRISE CLIMÁTICA: DESAFIOS DA COMUNICAÇÃO AMBIENTAL NA FORMAÇÃO

Naimes Fagundes de Paiva; [naimes.com@gmail.com](mailto:naimes.com@gmail.com)<sup>1</sup>

Joyce Karoline Pontes; [dra.joycekarolinepontes@gmail.com](mailto:dra.joycekarolinepontes@gmail.com)<sup>2</sup> (Orientadora)

Aldrin Bentes Pontes; [aldrinpontes@gmail.com](mailto:aldrinpontes@gmail.com)<sup>3</sup> (coautor)

João Paulo Dias da Silva; [joaopaulodiasdasilva224@gmail.com](mailto:joaopaulodiasdasilva224@gmail.com)<sup>4</sup> (coautor)

Adriana Alves Castelo Branco; [profjornalistaadriana@gmail.com](mailto:profjornalistaadriana@gmail.com)<sup>5</sup> (coautora)

### RESUMO

Esta pesquisa analisa o papel do ensino de Jornalismo diante da crise climática global, considerando os desafios contemporâneos da comunicação e da formação profissional na área. A pesquisa discute como as mudanças climáticas têm se tornado um dos principais temas da agenda pública internacional e como o jornalismo desempenha papel fundamental na mediação entre ciência, sociedade e políticas públicas ambientais. A partir de revisão bibliográfica e análise documental, o estudo reflete sobre a importância de incorporar a temática ambiental e climática na formação dos futuros jornalistas, destacando o papel das instituições de ensino superior e dos eventos científicos, como o 25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo (ENEJor). Considera-se que o ensino do jornalismo deve integrar perspectivas interdisciplinares que articulem comunicação, ciência e sustentabilidade, contribuindo para a sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo ambiental. Comunicação. Mudanças climáticas. Ensino de jornalismo. Crise climática.

<sup>1</sup> Acadêmico do 2º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade de Gurupi (UnirG).

<sup>2</sup> Jornalista. Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM). Pós-Doutora em Educação (UFT). Docente do Curso de Jornalismo da Universidade de Gurupi (UnirG).

<sup>3</sup> Advogado. Mestre em Direito Ambiental (UEA). Acadêmico do 8º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade de Gurupi (UnirG).

<sup>4</sup> Acadêmico do 3º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade de Gurupi (UnirG).

<sup>5</sup> Jornalista. Docente do Curso de Jornalismo da Universidade de Gurupi (UnirG).



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22, 23 E 24 DE ABRIL

2026



## 1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as mudanças climáticas passaram a ocupar posição central no debate científico, político e social em escala global. O avanço do aquecimento global, associado principalmente às emissões de gases de efeito estufa provenientes das atividades humanas, tem provocado transformações significativas nos ecossistemas e nas dinâmicas socioeconômicas em diferentes regiões do planeta (IPCC, 2023).

Historicamente, as primeiras observações científicas sobre o impacto do dióxido de carbono na temperatura da Terra remontam ao século XIX, quando a pesquisadora Eunice Newton Foote identificou a relação entre a concentração de CO<sub>2</sub> e o aumento da temperatura atmosférica. Esse fenômeno viria posteriormente a ser denominado efeito estufa e tornar-se uma das principais preocupações ambientais contemporâneas.

Com o avanço da industrialização e o aumento do consumo de combustíveis fósseis, os impactos ambientais tornaram-se cada vez mais evidentes. Entre esses efeitos destacam-se o derretimento de geleiras, alterações nos regimes de chuva, aumento do nível dos oceanos e eventos climáticos extremos, como secas, enchentes e ondas de calor (MARENGO; SOARES, 2018).

Nesse contexto, o jornalismo desempenha papel estratégico na mediação entre a produção científica e a sociedade. A comunicação jornalística contribui para ampliar o acesso à informação qualificada, permitindo que a população compreenda os impactos das mudanças climáticas e participe de debates sobre políticas públicas ambientais (BUENO, 2017).



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22, 23 E 24 DE ABRIL

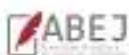
2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Entretanto, a cobertura jornalística sobre temas ambientais apresenta desafios importantes. Entre eles estão a complexidade científica das informações, a dificuldade de tradução do conhecimento especializado para o público geral e a presença crescente de desinformação sobre mudanças climáticas (BOYKOFF, 2019).

Diante desse cenário, torna-se fundamental discutir o papel do ensino de jornalismo na formação de profissionais capazes de compreender e comunicar questões ambientais complexas. O debate ganha ainda mais relevância em espaços acadêmicos e científicos voltados à reflexão sobre a formação profissional, como o Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo (ENEJor).

O 25º ENEJor, ao abordar o tema “O ensino do Jornalismo e a crise climática”, propõe uma reflexão sobre a necessidade de integrar a temática ambiental na formação dos futuros jornalistas, destacando o papel das universidades na construção de uma comunicação comprometida com a sustentabilidade e a responsabilidade social.

Assim, este ensaio tem como objetivo analisar o papel do ensino do jornalismo no enfrentamento da crise climática, discutindo os desafios da formação profissional e a importância da comunicação científica e ambiental na construção de uma sociedade mais informada.

## 2. METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, desenvolvido a partir de revisão bibliográfica e análise documental, com o objetivo de compreender o papel do ensino do jornalismo diante da crise climática e os desafios para a formação de profissionais capazes de atuar na cobertura de temas ambientais.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22, 23 E 24 DE ABRIL

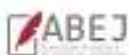
2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



A abordagem qualitativa foi escolhida por permitir uma análise interpretativa dos fenômenos sociais relacionados à comunicação, ao jornalismo e às mudanças climáticas, considerando suas dimensões sociais, culturais e educacionais.

Segundo Gil (2008), a pesquisa qualitativa possibilita compreender fenômenos complexos da realidade social, especialmente quando se busca interpretar significados, contextos e relações presentes em determinado objeto de estudo.

No que se refere aos procedimentos técnicos, a investigação fundamenta-se principalmente na pesquisa bibliográfica, realizada a partir da consulta a livros, artigos científicos, relatórios institucionais e documentos acadêmicos que discutem o jornalismo ambiental, a comunicação científica, as mudanças climáticas e o ensino do jornalismo.

Conforme destaca Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado e tem como finalidade permitir ao pesquisador conhecer e analisar as diferentes contribuições científicas existentes sobre determinado tema.

Além disso, também foi utilizada a análise documental, considerando relatórios científicos, documentos institucionais e publicações relacionadas à crise climática e ao ensino do jornalismo. Lakatos e Marconi (2017) ressaltam que a análise documental constitui uma importante fonte de dados para pesquisas científicas, pois permite examinar registros e documentos que ainda não receberam tratamento analítico ou que podem ser reinterpretados à luz de novos objetivos de investigação.

A partir desses procedimentos metodológicos, buscou-se compreender como a crise climática tem sido discutida no campo da comunicação e de que



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22, 23 E 24 DE ABRIL

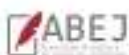
2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



forma o ensino do jornalismo pode contribuir para a formação de profissionais preparados para lidar com a complexidade da cobertura ambiental. Dessa forma, a pesquisa pretende contribuir para o debate acadêmico sobre jornalismo, educação e sustentabilidade, especialmente no contexto das discussões propostas pelo 25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo (ENEJor), que aborda a relação entre ensino do jornalismo e crise climática.

### 3. DESENVOLVIMENTO

A crise climática é considerada atualmente um dos maiores desafios enfrentados pela humanidade. Seus impactos atingem diferentes dimensões da vida social, incluindo economia, saúde, segurança alimentar e biodiversidade. Nesse cenário, a comunicação exerce papel fundamental na disseminação de informações científicas e na construção do debate público sobre o tema.

Segundo Bueno (2017), o jornalismo ambiental atua como uma ponte entre a ciência e a sociedade, traduzindo conhecimentos especializados para uma linguagem acessível ao público. Essa função torna-se ainda mais relevante diante da complexidade das mudanças climáticas.

Entretanto, a cobertura jornalística do tema enfrenta obstáculos importantes, como: dificuldade de acesso a dados científicos; falta de especialização dos jornalistas; pressão econômica sobre os veículos de comunicação; disseminação de *fake news* e negacionismo climático.

Boykoff (2019) destaca que a cobertura climática exige uma abordagem contextualizada, capaz de explicar processos científicos complexos e suas implicações sociais. Além disso, a comunicação sobre mudanças climáticas precisa considerar aspectos culturais, econômicos e políticos, evitando simplificações excessivas que possam comprometer a compreensão do fenômeno.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22, 23 E 24 DE ABRIL

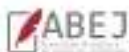
2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Diante desse contexto, alterações climáticas, uma das pequenas mudanças que o ser humano causou ao longo das décadas. Desde 1800, época da primeira Revolução Industrial, o ser humano vem mudando o planeta aos poucos sem perceber. Foi apenas em 1856, que a pesquisadora Eunice Newton Foote, foi a primeira pessoa a perceber que o aumento CO<sub>2</sub> tem papel no aquecimento global (nome que na época não era utilizado), com a sua publicação “*Circumstances Affecting the Heat of Sun’s Rays*” na “*American Journal of Art and Science*”, sendo a primeira a alertar sobre o problema.

Nos anos seguintes, mais precisamente, 1928, foi criado os clorofluorcarbonos, um produto muito usado depois de sua criação, usado em geladeiras, ar condicionados e também causador do buraco na camada de ozônio. E foi apenas em 1974 que os químicos Mario Molina e Sherwood Rowland descobriram sobre isso e publicaram sobre, mas que não foi muito bem recebido pela indústria, o que fez com que o problema só começasse a ser resolvido anos depois em, 1987 depois que vários outros cientistas da “*British Antarctic Survey*” mostraram que a camada de ozônio acima da Antártida tinha diminuído em um terço de sua espessura.

Diferente do problema do dióxido de carbono que foi mostrado muitas décadas antes, esse problema foi resolvido rapidamente, onde toda a produção de CFCs foi banida pela Organização das Nações Unidas (ONU), fazendo com que a indústria crie alternativas, como Hidrofluorcarbonetos (HFCs), que não destroem a camada de ozônio, mas que contribuem para o efeito estufa.

E que não torna a situação muito melhor. Obviamente diminuindo os efeitos do buraco, que iam desde mudanças na temperatura da água em corpos hídricos, até prejuízos na saúde humana, como câncer de pele. Mas o efeito estufa causa problemas um pouco mais problemáticos a longo prazo, como degelo de massas glaciais e desertificação de áreas férteis.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22, 23 E 24 DE ABRIL

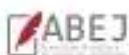
2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



### 3.1 ALTERAÇÕES NO DESERTO DE AL-FANUD

Recentemente, no ano de 2024, aconteceu algo inédito, nevou em Al-Fanud, um deserto na Arábia Saudita, um fenômeno nunca antes registrado. Isso ocorreu devido uma frente fria vinda da Sibéria, que estava passando pelo seu inverno, que é conhecido por ser muito intenso, o que por sua vez, tornou possível criar ventos extremamente gelados que viajaram até o Oriente Médio, que por sua vez encontrou com uma certa umidade que foi gerada pelo mar arábico, que acabou criando um evento único que é a neve, algo tão raro e único, que foi um quebra cabeça para os meteorologistas entenderem.

O efeito estufa teve um papel quase que fundamental nisso, o aumento da temperatura nos polos, faz com que a corrente de jato fique fraca e acabe saindo da região mais ao norte e vá para o meio do planeta, o que fez o vento da Sibéria chegasse na Arábia, e com o fato do calor ter esquentado o Mar Arábico, fez a humidade aumentar, o que causou a junção desses fatores, resultando a neve.



Deserto na Arábia Saudita registra neve pela primeira vez na história. • Agência estatal de notícias da Arábia Saudita



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22, 23 E 24 DE ABRIL

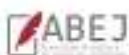
2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Esse evento era único, e nunca fora registrado, até que em 2025 aconteceu novamente, o que pode fazer o evento se tornar recorrente, podendo causar um problema na biodiversidade do local, já que todos os seres que habitam o deserto, estão adaptados, para o deserto.

Tornar uma nevasca recorrente, poderia até ajudar no florestamento de Al-Fanud, por diminuir a temperatura, faz com que a água dure mais tempo no local, e criaria uma oportunidade de se criar uma floresta no lugar, isso poderia até acelerar o efeito Saara Verde.

O Saara Verde, é algo que ocorre a cada 21 mil anos, que ocorre devido a uma oscilação no eixo de inclinação da Terra, o que faz mudar de um grande deserto árido para uma grande savana.

A última mudança ocorreu por volta de 5.000 a 11.000 anos, e provavelmente irá ocorrer novamente em 10.000 anos, algo que pode mudar, principalmente com o fator efeito estufa. Com Al-Nafud esfriando e se transformando em uma floresta, irá resfriar ainda mais a região causando com que a iniciativa, Grande Muralha Verde, aconteça mais rapidamente, mudando toda a visão do maior deserto do mundo, para a maior floresta do mundo

### 3.2 COMO ISSO AFETA O BRASIL?

Caso você não saiba, o Deserto do Saara é a fonte de fósforo da Amazônia, de acordo com um estudo da Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço (NASA), cerca de 27 milhões de toneladas de areia e cerca de 22 mil toneladas de fósforo viajam do Saara até a Amazônia, resultando em uma grande fonte de nutrientes para toda a região sul-americana.

A presença de poeira africana na Bacia Amazônica tem sido observada há quase duas décadas, mesmo com quantidade de areia e fósforo associado não seja



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22, 23 E 24 DE ABRIL

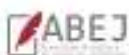
2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



bem compreendida, sabe-se que a quantidade de Fósforo, nutrientes e silício encontrados nas partículas coletadas na Amazônia é semelhante as encontradas na poeira do Saara. E com a perda dessa “fonte”, a Amazônia poderia, a longo prazo, diminuir de tamanho ou até virar um deserto.

E a curto prazo, com a falta de um deserto para esquentar o planeta, poderia ter uma diminuição da temperatura do planeta, o que poderia ocorrer uma aceleração da era glacial, que muitos pesquisadores já imaginavam poder ocorrer por causa do aquecimento global.

Além disso, ainda existe o problema da vida marinha, com os fitoplânctons que se nutriam a partir do Fósforo lançado pelo Saara ao mar, e que é base da alimentação da vida marinha.

Portanto, a crise climática representa um dos maiores desafios contemporâneos para a humanidade, exigindo respostas articuladas entre ciência, política e sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças climáticas afetando os polos, podem e estão alterando certos aspectos do mundo, acelerando fenômenos que só iram acontecer a daqui a mais de dez milênios, o que por sua vez, irá causar mais secas na região norte do América do Sul. O Saara verde, irá mudar uma grande parte do planeta, principalmente o Brasil, e essas geadas no deserto de Al-Nafud é apenas um aviso do que está por vir.

E atualmente com o *El Niño* com chance de ocorrer esse ano (2026), pode se supor que irá nevar novamente no deserto, já que a humidade da região tende a aumentar, o que por sua vez irá acelerar a formação de uma mata/floresta no lugar. Nesse contexto, o jornalismo assume papel fundamental na mediação entre



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22, 23 E 24 DE ABRIL

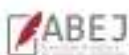
2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



a produção científica e o público, contribuindo para ampliar a compreensão social sobre os impactos das mudanças ambientais.

Contudo, a complexidade do tema exige profissionais qualificados, capazes de interpretar dados científicos, contextualizar informações e combater a desinformação. Dessa forma, o ensino do jornalismo torna-se elemento estratégico para a formação de profissionais preparados para atuar na cobertura ambiental.

A incorporação de conteúdos sobre mudanças climáticas nos currículos universitários, bem como a promoção de debates acadêmicos em eventos científicos, como o ENEJor, pode contribuir para fortalecer a formação crítica e interdisciplinar dos futuros jornalistas. Considera-se que o jornalismo tem potencial para desempenhar papel relevante na construção de uma sociedade mais informada e consciente sobre os desafios ambientais contemporâneos.

## REFERÊNCIAS

BOYKOFF, Maxwell. **Creative (climate) communications**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Jornalismo**. Brasília: MEC, 2013.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação científica e divulgação científica**. São Paulo: Intercom, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IPCC. **Climate Change 2023: Synthesis Report**. Geneva: Intergovernmental Panel on Climate Change, 2023.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARENCO, José; SOARES, Wagner. **Mudanças climáticas e eventos extremos no Brasil**. São Paulo: Oficina de Textos, 2018.